

CULTURA INDÍGENA COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

INDIGENOUS CULTURE AS A PEDAGOGICAL TOOL IN PHYSICAL EDUCATION CLASSES

DOI: 10.16891/2317-434X.v10.e2.a2022.pp1393-1398

Recebido em: 24.01.2022 | Aceito em: 08.06.2022

Fábio Júlio Serafim da Silva

E-mail: fabiojulioo.22@gmail.com

RESUMO

A escola, desde a universalização da educação pública, tem sido um espaço com grande diversidade cultural, étnica e econômica, abrangendo principalmente as classes populares, as crianças e adolescentes pertencentes a esta. Dessa forma, este espaço deve ser democrático, no sentido da ampliação da participação de todos os discentes, bem como suas vivências e as suas bagagens culturais. A temática indígena se configura como um conteúdo a ser contextualizado no ambiente escolar e constitui um conhecimento que considera a diversidade cultural como algo presente no ambiente escolar. O presente trabalho tem como objetivo analisar a importância da inserção da cultura indígena nas aulas de Educação Física, justamente como um fator de diversidade, sempre levando em consideração o quanto esta cultura é importante e que a mesma não pode ser deixada de lado. O estudo tem como fundamentação uma revisão bibliográfica, de cunho qualitativo, embasado no método comparativo, buscando a elucidação dos fenômenos e permitindo avaliar um dado concreto, buscando analisar semelhanças e esclarecer problemas, explicando um fenômeno, deduzindo desse "os elementos constantes, abstratos e gerais". Portanto, conclui-se que a cultura indígena como ferramenta pedagógica para as aulas de educação física, propicia aos educandos um espaço de aprendizagem que vai muito além de temáticas estruturais, essa aprendizagem estimula fatores que estão diretamente ligados ao desenvolvimento integral dos discentes. Estimulando benefícios como: respeito, valorização cultural, estímulos físicos e mentais na sua prática.

Palavras-chave: Cultura indígena; Educação Física; Diversidade.

ABSTRACT

The school, since the universalization of public education, has been a space with great cultural, ethnic and economic diversity, covering mainly the popular classes, children and adolescents belonging to it. Thus, this space must be democratic, in the sense of expanding the participation of all students, as well as their experiences and cultural background. The indigenous theme is configured as a content to be contextualized in the school environment and constitutes knowledge that considers cultural diversity as something present in the school environment. The present work aims to analyze the importance of the inclusion of indigenous culture in Physical Education classes, precisely as a factor of diversity, always taking into account how important this culture is and that it cannot be left out. The study is based on a bibliographical review, of a qualitative nature, based on the comparative method, seeking to elucidate the phenomena and allowing the assessment of concrete data, seeking to analyze similarities and clarify problems, explaining a phenomenon, deducing from this "the constant, abstract and general". Therefore, it is concluded that indigenous culture as a pedagogical tool for physical education classes provides students with a learning space that goes far beyond structural themes, this learning stimulates factors that are directly linked to the students' integral development. Stimulating benefits such as: respect, cultural appreciation, physical and mental stimuli in your practice.

Keyword: Indigenous culture; Physical education; Diversity.

INTRODUÇÃO

Quando falamos no eixo pedagógico estimulado pela Educação Física, notamos como o trabalho com o corpo e conseqüentemente com a cultura corporal, deve partir do princípio da inclusão, respeitando as vivências dos estudantes, pois este é social e histórico, e não adotando o processo de padronização dos corpos. A inclusão nas aulas de Educação Física não é voltada somente para os estudantes que possuem algum tipo de deficiência. Pensar a inclusão em uma nova perspectiva permite que todos os estudantes sejam incluídos nas aulas, desde os deficientes até mesmo os que não possuem deficiências, mas têm dificuldades durante as aulas (FONSECA; RAMOS, 2017).

Dentro dessa nova perspectiva de inclusão, que não considera somente o estudante que possui alguma deficiência, mas inclui estes e também os estudantes que são excluídos das aulas por não serem habilidosos, os grupos de cultura marginalizada pelo processo de colonização, como por exemplo, a cultura afrobrasileira e a indígena são trabalhadas dentro das aulas de Educação Física, buscando a descolonização curricular deste conteúdo com a finalidade de uma educação democrática que atinja todos os grupos étnico-raciais, que por diversos momentos estiveram ausentes do processo educacional. Pensar nessa perspectiva ampla da inclusão é pensar em uma educação na perspectiva cultural – entender que os processos culturais são dinâmicos, particulares e que a escola deve respeitá-los, enquanto espaço democrático – e partindo do saber dos estudantes, tornando-os protagonista do processo (NEIRA, 2019).

O movimento corporal, que o estudante constrói fora da escola a partir das brincadeiras e atividades corporais vivenciadas pelo mesmo, torna-se um dos objetos das aulas de Educação Física. A partir da cultura corporal do estudante, o docente cria e desenvolve as aulas pautadas no mesmo.

A temática indígena se configura como um conteúdo a ser contextualizado no ambiente escolar e constitui um conhecimento que considera a diversidade cultural como algo presente no ambiente escolar. Além disso, propõe uma melhor convivência e diálogo entre os diversos grupos sociais, objetivando uma ten-dência de educação intercultural. Nesse sentido, é relevante a produção acadêmica sobre as práticas corporais indígenas, no sentido de nos revelar uma possibilidade pedagógica ainda pouco explorada para a educação

física escolar, disciplina que necessita de mudanças em sua prática pedagógica simbolizada como prática de esportes competitivos.

O presente trabalho tem como objetivo analisar a importância da inserção da cultura indígena nas aulas de Educação Física, justamente como um fator de diversidade, sempre levando em consideração o quanto esta cultura é importante e que a mesma não pode ser deixada de lado, valorizar não é apenas relatar oralmente, mas também estimular sua prática e alavancar um pensamento crítico dos alunos sobre o tema em questão.

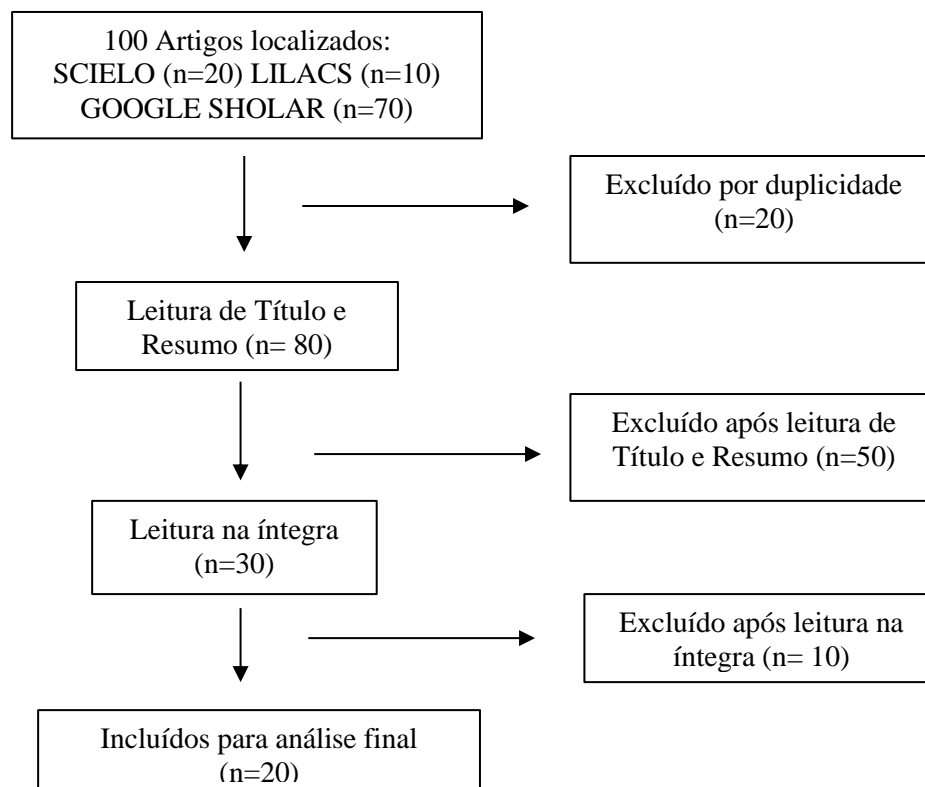
Dessa forma, o trabalho com o corpo e a conseqüentemente com a cultura corporal, deve partir do princípio da diversidade cultural, respeitando o arcabouço de vivências dos estudantes, pois este é social e histórico, e não adotando o processo de padronização dos temas. A inclusão de diferentes tópicos nas aulas de Educação Física não é voltada somente para analisar conteúdos da realidade educacional em questão, mas também a inserção de novas culturas e principalmente a indígena que é tão importante dentro do nosso país. Pensar nessa inclusão em uma nova perspectiva permite que todos os estudantes possam vivenciar elementos de novas culturas e essa análise muitas vezes faça com que o mesmo possa estimular novas vivências dentro e fora do espaço físico da escola, levando uma aprendizagem significativa aos mesmos (FONSECA; RAMOS, 2017).

MATERIAL E MÉTODOS

Esse estudo fundamenta-se como uma revisão bibliográfica, embasado no método comparativo, no qual se ocupa da elucidação dos fenômenos e permite avaliar o dado concreto, buscando constatar semelhanças e elucidar divergências, ocupando-se com a explicação de um fenômeno. Esse estudo fundamenta-se como uma revisão integrativa de literatura, capacitando síntese de estudos já como gerando novos resultados, pautados em resultados fundamentados cientificamente (BOTELHO; CUNHA; MACEDO, 2011).

Foram realizadas leituras de diversos trabalhos que abordam a temática em questão, embasados na base de dados: SCIELO, LILACS e GOOGLE SCHOLAR, mediante utilização dos descritores: “Danças indígenas nas aulas de Educação Física”, “Diversidade na Educação”, e “Cultura indígena”. O Fluxograma 01 apresenta o processo de exclusão e inclusão de artigos.

Fluxograma 1. Processo de inclusão e exclusão de artigos



Os critérios de inclusão para leitura dos resumos foram obras em português, abordagem que tratasse da cultura indígena nas aulas de Educação Física como um fator essencial para o estímulo da aprendizagem do aluno, tendo a diversidade cultural indígena como o centro do processo ensino-aprendizagem, e a escola como espaço de desenvolvimento, adequando-se aos objetivos deste trabalho. Após a leitura dos trabalhos, foram critérios para exclusão: os tópicos destacados no fluxograma anteriormente destacado.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Cultura indígena como elemento pedagógico da Educação Física escolar

Os Jogos Indígenas devem ser incluídos no currículo das escolas e nas aulas de Educação Física por causa da Lei nº 11.645/2008 (legalidade) ou pelo fato de trazer em si um repertório de saberes do corpo e da cultura de movimento, poder e identidade (legitimidade). Em nossa perspectiva, acreditamos que a referida lei é uma possibilidade legal de iniciar um caminho de legitimidade dos jogos indígenas. Além disso, precisamos defender sua presença na escola não apenas

pela legalidade, mas também pela legitimidade. Ao refletir sobre as teorias do currículo, afirma que a raça e a etnia não são simplesmente temas transversais, mas são questões centrais de conhecimento, poder e identidade. Inspirados em Silva (2015), podemos afirmar que inserir os Jogos Indígenas no currículo escolar não é somente tornar o currículo multicultural, e considerar os Jogos Indígenas como algo folclórico e exótico, mas torná-lo político, problematizá-lo na discussão sobre raça, etnia, gênero e sexualidade. Trazer os saberes indígenas para a escola reconhecendo as teorias críticas e pós-críticas do currículo, é focar na discussão das causas institucionais, históricas e discursivas que excluem esses saberes da escola (SILVA, 2015).

Ao longo de algumas décadas, as aulas de educação física eram pautadas em uma visão de corpo e de ser humano exclusivamente biológica. Essa tradição da área priorizava o desenvolvimento da aptidão física dos sujeitos.

Nesse processo, a tarefa do professor não será a de propiciar a todos as mesmas oportunidades de acesso à cultura de movimento, mas a de descobrir os alunos biologicamente bem dotados, burilá-los, a fim de que tenham oportunidades de chegar às equipes esportivas representativas da escola ou

mesmo fora dela (DAOLIO, 1996, p. 41).

O desempenho e a participação dos alunos eram avaliados do ponto de vista de suas semelhanças biológicas, sendo desconsideradas as diferenças culturais e sociais, existentes entre os educandos. Segundo Cruz de Oliveira e Daolio (2011, p. 5), antes da queda do período militar, as características das aulas eram destacadas dessa forma:

[...] a ênfase recaía na repetição de exercícios físicos, de maneira que as técnicas corporais, tratadas de forma instrumental, pudessem ser executadas corretamente pelos alunos e se aproximassem do gesto técnico dos esportes de competição.

Oportunizar a compreensão de que as diferenças fazem parte do contexto em que a humanidade esta inserida é tarefa dos educadores, de modo a viabilizar que o educando aprenda com o outro pela troca de saberes, possibilitando encarar o diferente como algo não inferior, mas uma possibilidade de ser Humano. Segundo Pinto (2008), o interculturalismo considera as diferenças humanas como oportunidade de percebermos a riqueza que existe entre os diversos grupos culturais.

Levar os educandos a compreenderem estas diferenças como algo comum entre os seres humanos é fundamental em qualquer espaço de convivência, é tarefa relevante e complexa, e, sobretudo, valiosa do ponto de vista da interculturalidade. Atualmente, endossar a valorização e o respeito às diferenças na educação e na Educação Física parecem não causar mais tanta resistência. No entanto, é preocupante imaginar que o cenário escolar ainda encontra-se permeado por concepções que tangenciam certos, ranços naturalistas que, ao serem sinalizados nesta pesquisa, alcançam proporções que deflagram preconceitos, sectarismos e desigualdades de oportunidades (OLIVEIRA; DAOLIO, 2010).

Nesse sentido, as práticas corporais indígenas, ao serem considerados como conteúdos da Educação Física escolar, fundamentados na perspectiva intercultural, poderão viabilizar aos educandos um ambiente de socialização e um aprendizado de respeito às diferenças sociais, considerando o contexto cultural de que os sujeitos fazem parte. Exemplo disso são os jogos indígenas, o mesmo possibilita a construção da realidade pelos sujeitos que participam da ação, sendo a criatividade e a imaginação elementos presentes na dinâmica do jogar. O aluno pode apreender com o outro, no convívio, por meio de seus costumes, seus hábitos, seus modos de encarar as

situações que emergem para a resolução de problemas e, dessa forma, pode vivenciar elementos de culturas diferentes, o que é algo muito relevante para a formação integral dos educandos (CRUZ DE OLIVEIRA, 2007).

É de grande relevância o resgate de jogos e brincadeiras na educação e no processo de socialização, pois brincando e jogando os alunos estabelecem vínculos sociais, de modo a inserir-se no grupo e aceitar a participação de outros educandos, sem se preocupar de forma excessiva com a vitória a qualquer custo. O conhecimento de diferentes regras de jogos, de modalidades novas de brincadeiras, aliadas a outras já conhecidas em seus contextos indígenas de origem, são estratégias importantes de interculturalidade e apontam para possibilidades de aprendizagem de outras regras sociais e valores culturais embutidos nos currículos escolares (TASSINARRI, 2010).

A temática da educação escolar indígena adquiriu importância acadêmica, compondo um campo de saber interdisciplinar, com um volume crescente de pesquisas realizadas e resultados compartilhados. O professor de Educação Física, ao trabalhar as práticas corporais indígenas em suas aulas, poderá viabilizar aos alunos o acesso ao conhecimento dos povos indígenas, as práticas corporais que esses povos realizam como seus jogos, brincadeiras e danças. O termo práticas corporais, aqui abordado, estabelece relação com as ciências humanas e sociais, sendo manifestações humanas construídas historicamente e que fazem parte do cotidiano de determinada sociedade que, por sua vez, possui uma determinada cultura (ALBUQUERQUE, 2010).

Aulas de Educação Física: espaço para estimular novas aprendizagens

A diversidade cultural dos povos indígenas durante os jogos pode ser vista nas plumagens, pinturas corporais, danças e nos jogos. Mas, oculto ao visual, há a cultura imaterial, o como fazer, o quando fazer, o quanto fazer, que não se percebe. Há a vontade dos indígenas mostrarem e “manterem” a cultura, as tradições, os valores, o “resgate” cultural, e tornarem-se visíveis para uma sociedade que não os reconhece e que acreditava no desaparecimento deles (ROCHA FERREIRA, *et. al.*, 2008).

Diante disso, os conteúdos baseados na cultura indígena podem estabelecer uma relação com a Educação Física escolar, com o intuito de promover conhecimento e respeito às diferenças etnoculturais. Os educandos, ao vivenciarem as práticas dos povos indígenas e conhecerem a forma como esses povos vivem, podem reconstruir os conceitos existentes sobre esta população. Entendemos

que muitos jogos, brincadeiras e danças dos povos indígenas são manifestações humanas que não foram esportivizadas e, justamente por não serem permeadas pela ideologia capitalista, devem servir de base para a utilização e reflexão no ambiente escolar (CORRÊA, 2010).

O acesso da comunidade escolar ao elemento da cultura corporal indígena poderá contribuir para que o mesmo seja transmitido de geração para geração não perdendo suas características e identidade com o passar do tempo. Outro aspecto, também necessário de ser considerado, é que ainda há poucos estudos no meio acadêmico acerca das práticas corporais indígenas. De qualquer modo, ainda que seja reduzida a produção acadêmica sobre as práticas corporais indígenas, o que dispomos sobre danças, jogos e brincadeiras, presentes na cultura indígena, apresenta-se como um rico conhecimento a ser trabalhado nas aulas de Educação Física (FASSHEBER, 2010).

Em outras palavras, o mundo do movimento são os saberes da Educação Física. Todos os povos se movimentam, caminham, correm, saltam, rolam ou praticam esportes, mas também, os povos, se relacionam. A este conteúdo cultural corresponde às formas de movimentar-se, caracterizando assim uma cultura de movimento. Nesse sentido, esse conceito de cultura de movimento pode ser considerado como o critério organizador do conhecimento da Educação Física e refere-se às relações existentes entre essas formas de se movimentar e a compreensão de corpo de uma determinada sociedade, comunidade, de uma cultura (MENDES; NÓBREGA, 2009).

Assim, observamos mediante o exposto até o momento que o ensino da cultura e da história dos povos indígenas no âmbito escolar, tem legitimidade em ministrar os mesmos nas aulas de Educação Física. Tal conteúdo propicia saberes e aprendizagens que possibilitam diferentes formas de movimentos com o outro, com a natureza e com a construção dos próprios brinquedos. Ou seja, os Jogos Indígenas além de sua legalidade, formam um conteúdo legítimo, oriundo dos povos e comunidades tradicionais do nosso país, fortalecendo a construção do currículo como sistemas de significação implicados na produção de identidades e

subjetividades no contexto das relações de poder, dessa forma, a crítica curricular torna-se, assim, legitimamente também uma crítica cultural (SILVA, 2015).

CONCLUSÃO

A partir do presente estudo, foi possível concluir que temos muito a aprender com as práticas corporais indígenas tradicionais e podemos ressignificá-las no ambiente escolar, nas aulas de educação física. Esta temática diz respeito a um assunto emergente e faz parte de um currículo intercultural preocupado em valorizar diferentes grupos sociais na busca de uma sociedade democrática. Com a análise em questão foi possível também perceber o quanto o ensino da cultura indígenas nas aulas de Educação Física pode contribuir com a desmistificação da pauta da cultura em questão, muitas vezes o preconceito é grande e pode frear as formas de levar o ensino deste conteúdo aos alunos de diferentes etapas educacionais e o mais importante de tudo, conhecimento e valores inseridos nessa vivência.

A abordagem da temática etnocultural é um conhecimento a ser explorado nas aulas de Educação Física escolar, podendo ser adotado como conteúdo de ensino dessa disciplina. Os jogos e brincadeiras indígenas pesquisados constituem um relevante conhecimento a ser explorado no ambiente escolar e poderão contribuir para o acesso dos elementos da cultura corporal indígena pelos educandos.

Portanto, conclui-se que a cultura indígena como ferramenta pedagógica para as aulas de educação física, propicia aos educandos um espaço de aprendizagem que vai muito além de temáticas estruturais, essa aprendizagem estimula fatores que estão diretamente ligados ao desenvolvimento integral dos discentes. Estimulando benefícios como: respeito, valorização cultural, estímulos físicos e mentais na sua prática. O professor de Educação Física também deve estar aberto a estimular novos conteúdos nas suas aulas, para que os seus alunos possam vivenciar novos pontos e que sejam relacionados com diferentes culturas e nesse caso a cultura indígena, buscando ampliar suas metodologias e estratégias de ensino, e através disto, ofertar aos alunos a melhor qualidade de ensino possível.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, M. do S. C. de. A Educação Física no Projeto de Aatoria da Comissão Pró-Índio do Acre. In: GRANDO, B. S. (Org.). **Jogo e Culturas Indígenas: possibilidades para a educação intercultural na escola**. Cuiabá: EdUFMT, 2010. p. 61-88.
- BOTELHO, Louise Lira Roedel; CUNHA, Cristiano Castro de Almeida; MACEDO, Marcelo. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. *Gestão e Sociedade*, v. 5, n. 11, p. 121-136, 2011.
- CORRÊA, D. A. **Brincadeiras indígenas Kalapalo: a abordagem da diversidade etno-cultural na educação física escolar**. Lecturas: Educación Física y Deportes. Revista Digital. Buenos Aires. Disponível em: [http:// www.efdeportes.com](http://www.efdeportes.com). Acesso em: 02 de set. 2010.
- CRUZ DE OLIVEIRA, R.; DAOLIO, J. **Educação Intercultural e educação física escolar: possibilidades de encontro**. *Pensar a Prática*, Goiânia, v.14, n.2, p. 1-11, mai/ago, 2011.
- CRUZ DE OLIVEIRA, R.; DAOLIO, J. **Educação Física, cultura e escola: da diferença como desigualdade à alteridade como possibilidade**. *Movimento*, Porto Alegre, v.16, n.1, p. 149-167, jan/mar, 2010.
- CRUZ DE OLIVEIRA, R.; DAOLIO, J.. **Educação Física e diversidade cultural: um diálogo possível**. *Conexões: revista da Faculdade de educação física da UNICAMP*: Campinas, v.5, n.2, p. 19-30, jul/dez,2007.
- DAOLIO, J. **Educação Física Escolar: em busca da pluralidade**. *Revista Paulista de Educ. Fís.*, São Paulo, v.10, n.2, supl.2, p. 40-42, 1996.
- FASSHEBER, J. R. M. **Etno - desporto indígena: a Antropologia Social e o campo entre os Kaingang**. Brasília: Ministério do Esporte, 2010. 156 p.
- FONSECA, Michele Pereira de Souza da; RAMOS, Maitê Mello Russo. Inclusão em movimento: discutindo a diversidade nas aulas de educação física escolar. In: PONTES JUNIOR, José Airton de Freitas (Org.). **Conhecimentos do professor de educação física escolar** [livro eletrônico]. Fortaleza, CE: EdUECE, 2017, p 184-208.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. 5. Reimp. São Paulo: Atlas, 2007.
- MENDES, M. I.; NÓBREGA, T. P. **Cultura de movimento: reflexões a partir da relação entre corpo, natureza e cultura**. *Revista Pensar a Prática*. v. 12, n. 2, p. 1-10, 2009.
- NEIRA, Marcos Garcia. **Educação Física Cultural: inspiração e prática pedagógica**. 1 ed. Jundiaí: Paco, 2018.
- PINTO, L. M. S. de M. **Lazer e Educação: desafios da atualidade**. In: MARCELLINO, N. C. (Org.). *Lazer e Sociedade*. Campinas: Alínea, 2008. p. 45-62.
- ROCHA FERREIRA, M. B. **Jogos e Esportes em Sociedades Indígenas: Kaingang e Kadiwéu**. Lab. Antropologia Bio-cultural – DEAFA – FEF – UNICAMP. Apresentado na VI Semana de Alfabetização – Alfabetização e Desenvolvimento Humano Educação de Jovem e Adulto “EJA e Cultura Local”, São Paulo, 2008.
- SILVA, T. T. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- SOARES, Carmen Lucia; TAFFAREL, Celi Nelza Zulke; VARJAL, Maria Elizabeth; CASTELLANI FILHO, Lino; ESCOBAR, Micheli Ortega; BRACHT, Valter. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.
- SOARES, Magda. **Linguagem e escola. Uma perspectiva social**. São Paulo: Ática, 2008.
- TASSINARI, A. Prefácio. In: GRANDO, Beleni S.(Org.). **Jogo e Culturas Indígenas: possibilidades para a educação intercultural na escola**. Cuiabá: EdUFMT, 2010. p. 7-10.
- YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2005.